



ISSN: 3085-6434

DOI: <https://doi.org/10.71263/nhkf4070>

Submetido 12/2025

Aprovado 01/2026

CARTA AS GERAÇÕES QUE AINDA VIRÃO

Regina Marta de Souza Gonzaga¹

Para vocês, que talvez estejam por vir...

A vocês, criaturas de um tempo que ainda não existe, cujos olhos ainda não tocaram este mundo e cuja linguagem pode já não ter qualquer afinidade com a minha. Escrevo-lhes com a consciência clara da distância intransponível entre nós — não somente geográfica ou cronológica, mas existencial.

Tenho 57 anos, sou mulher, moro em Petrolina, sertão do nordeste do Brasil, e dedico meus dias ao estudo

¹ Graduada em Direito e graduanda em filosofia pelo IFSertãoPE. E-mail: gonzaga.regina.adv@gmail.com

da Filosofia. Não tive filhos, mas tenho muitos sobrinhos-netos. Quem sabe sejam eles — ou os filhos dos filhos dos filhos deles — que leiam estas palavras, que já nascem gastas, como se já tivessem atravessado os séculos. Ou talvez estas palavras se percam no silêncio, como garrafas lançadas ao mar. Ainda assim, escrevo.

Vivemos dias em que a informação se multiplica mais rápido do que conseguimos compreender. Onde a solidão ressoa mesmo em meio a tantas vozes. As tecnologias avançam como se fossem deuses novos, enquanto o ser humano tropeça nas perguntas mais antigas: Quem somos? Para onde vamos? Como viver bem?

A linguagem, esta que uso agora, talvez já não vos sirva. As palavras que aqui registro podem ser fragmentos de um idioma morto, ou talvez, em algum milagre da permanência, vocês ainda as leiam como quem reencontra um eco ancestral. Caso esse milagre aconteça, saibam: escrevo a vocês com afeto. Com esperança. Com temor.

Nosso tempo é atravessado por crises: ecológicas, políticas, espirituais. O planeta gime sob o peso da nossa ganância. O ódio se espalha com a velocidade das redes. E, ainda assim, há quem plante árvores, cuide de cães abandonados, escreva cartas — como esta — para quem talvez nunca leia. Há beleza nisso. Talvez a única forma de resistência verdadeira seja amar aquilo que não se vê. Como agora, escrevo amando vocês, que não conheço.



Vocês talvez vivam em corpos diferentes. Talvez nem humanos sejam. Talvez sejam frutos de algo que sequer ousamos imaginar. Ainda assim, desejo que saibam que houve, um dia, uma mulher neste canto quente do planeta que pensou em vocês. Que desejou que soubessem da nossa existência, não por grandiosidade, mas pela grandeza das coisas pequenas — como uma carta manuscrita, uma xícara de café dividida em silêncio, um poema lido para ninguém.

Não sei que rosto terão, nem que sonhos moverão os vossos passos. Talvez caminhem sobre terras que já não reconheço, entre ruínas do que hoje chamo de civilização, ou entre construções tão perfeitas que fariam parecer nosso tempo uma infância desajeitada da humanidade. Ainda assim, o que há de essencial, acredo, permanece: a sede de sentido, a necessidade de pertencimento, a busca por um lugar no mundo.

Talvez vocês tenham superado as guerras — ou, tristemente, talvez tenham aperfeiçoado outras. Talvez tenham vencido a fome — ou ela tenha mudado de nome e de forma. Talvez a Terra já não seja o único lar — ou talvez não reste lar algum. Mas onde quer que estejam, sei que seguirão perguntando: como ser humano? Como amar sem se perder? Como viver com o outro?

Aqui, em 2025, muitos de nós estamos perdidos. Perdemos a noção de comunidade. Perdemos o tempo da escuta. Trocamos a experiência profunda da presença pelo

ruído incessante das notificações. As pessoas têm sede de atenção, mas afundam num mar de distrações. O que chamamos de progresso, muitas vezes, é só pressa.

Estudando Filosofia, aprendi que a humanidade já se fez essa pergunta incontáveis vezes. De Sócrates aos pensadores de hoje, há sempre uma angústia que retorna: o que significa viver com dignidade? Não tenho respostas, e seria pretensioso demais tentar dar-lhes alguma. Mas posso lhes dizer o que vivi, o que senti, o que vi passar.

Vi crianças famintas sorrindo por um brinquedo improvisado com tampinhas de garrafa. Vi velhos sabedores, silenciados por não terem diplomas. Vi gente simples ensinando com o olhar o que livros nunca ousaram escrever. Vi também os horrores: injustiça, ganância, crueldade. E entre tudo isso, vivi.

Escrevo como quem acende uma vela em meio à escuridão. Não para iluminar o caminho de vocês – pois esse é vosso e só vosso – mas para deixar aceso o testemunho de que estivemos aqui. Que amamos. Que lutamos. Que também erramos, e muito. Mas que tentamos. Que houve beleza, mesmo na dor.

Se esta carta sobreviver, que ela vos sirva de ponte, não de prisão. Que estas palavras sejam sementes, não âncoras. Que, ao lerem-me, não vejam em mim uma mulher do passado, mas uma companheira secreta de jornada. Pois entre meu tempo e o vosso há abismos, sim



– mas também há a linguagem. E ela é nossa tentativa mais corajosa de alcançar o outro.

Tenho refletido muito, nestes últimos anos, sobre o que permanece quando tudo muda. A cada manhã, o mundo parece outro: novas leis, novas tragédias, novos aplicativos. As palavras se esvaziam, as promessas se repetem, e o futuro parece sempre adiado. Mas há algo que insiste em permanecer – não nas grandes conquistas, mas nos gestos miúdos, nos vínculos silenciosos, nas perguntas que resistem ao tempo.

Sou filha de um sertão que aprendeu a sobreviver com pouco. Cresci vendo pessoas dividirem o pão, mesmo quando ele era escasso. Aqui, o tempo não corre – ele escorre. A gente aprende a respeitar a terra, a olhar o céu antes de sair, a agradecer quando chove. E talvez seja isso que desejo preservar: uma forma de estar no mundo com humildade.

A Filosofia me ensinou que tudo pode ser pensado. Que até mesmo o óbvio precisa ser interrogado. Que não há verdade definitiva, mas há caminhos de busca. A Filosofia não me deu certezas – mas me deu coragem. Coragem de perguntar mesmo quando não há resposta. Coragem de duvidar mesmo quando tudo parece definido. Coragem de viver, mesmo sabendo que tudo um dia acaba.

Vocês, que estão por vir, talvez tenham tecnologias que hoje nem ousamos imaginar. Talvez tenham corpos híbridos, inteligência aumentada, novas formas de

consciência. Mas mesmo assim — ou talvez por isso — arrisco dizer: ainda serão humanos. Ainda sentirão a falta. Ainda desejarão o que está longe. Ainda terão medo da morte. E é nesse ponto que podemos nos encontrar.

Tenho sobrinhos-netos que, às vezes, me olham como quem olha para o passado. Veem meus cabelos notadamente pintados de um preto azulado, assim como as asas da graúna. Será que vocês vão ter acesso a esse escritor? Meus cadernos rabiscados, minhas palavras escritas à mão. Mal sabem que é neles que deposito minha aposta no futuro. Não sei o que farão do mundo. Mas sei que vivem, e que isso basta para continuar acreditando.

Não se enganem: esta carta não é uma lição. Não pretendo ensinar nada. Quero apenas testemunhar. Deixar um vestígio. Como quem escreve na areia, sabendo que a onda virá — mas escreve mesmo assim. Porque escrever, para mim, é um gesto de fé. Fé de que alguém, um dia, encontrará essa palavra perdida, e nela escutará uma voz. Uma presença. Uma vida.

É curioso pensar que o que escrevo hoje pode atravessar séculos, sobreviver às catástrofes, às revoluções, às mudanças de linguagem e de espécie. Que estas palavras, tão frágeis, possam encontrar abrigo em vossos olhos — olhos que não conheço, mas que imagino atentos, curiosos, talvez emocionados. Por isso escrevo com cuidado, como quem borda à mão um pano antigo, sabendo que cada ponto precisa durar.



O tempo em que vivo é cheio de ruídos. Notícias demais, silêncio de menos. O conhecimento se acumula, mas a sabedoria rareia. Tudo é urgente. Tudo é medido em produtividade, em resultados, em lucro. As pessoas esquecem de olhar nos olhos, de ouvir com o corpo, de escutar com a alma. Vivemos cercados de telas, mas famintos de presença.

E mesmo assim, continuo lendo, escrevendo, estudando. Não por nostalgia, mas por necessidade. Porque há coisas que a técnica não substitui: o valor de uma conversa demorada, o prazer de um livro que nos transforma, o silêncio diante de uma obra de arte. Porque há uma parte do ser humano que resiste ao cálculo. Uma parte que pulsa, que sangra, que ama — e que, por isso, escreve cartas.

Talvez minha escrita pareça melancólica. E, de fato, há tristeza em mim. Tristeza pelas florestas queimadas, pelos povos dizimados, pelos saberes ancestrais esquecidos. Mas há também esperança. Esperança de que vocês, que ainda não nasceram, possam fazer diferente. Não melhor — diferente. Que possam criar outros pactos, outras formas de habitar o mundo.

A Filosofia que estudo me ensinou que toda pergunta é uma travessia. Que não se pensa para encontrar respostas prontas, mas para abrir caminhos. Que cada pensamento é um convite ao outro. Por isso, se estas palavras fizerem sentido para vocês — mesmo que

outro sentido – elas terão cumprido seu papel. Terão sido fecundas. Terão, de algum modo, renascido.

E que beleza há nisso: ver a palavra ultrapassar a autora. Ver a escrita escapar da mão que a escreveu. Ver uma vida, finita como a minha, atravessar o tempo para tocar outra, que talvez nem seja humana. Sim, talvez você seja outro tipo de ser. Talvez viva em outro planeta. Talvez nem saiba o que é “Brasil”, o que é “sertão”, o que é “Petrolina”. Mas se entende o que é dor, o que é amor, o que é desejo – então talvez me entenda.

Se há algo que aprendi com a passagem dos anos é que a vida não se resume às grandes conquistas. O que verdadeiramente nos forma são os pequenos gestos: um olhar demorado, um carinho silencioso, uma escolha ética que ninguém viu. O que permanece, o que nos constitui, quase nunca cabe nas manchetes nem nos manuais. Está nas entrelinhas da existência, nas brechas do cotidiano.

Talvez por isso eu tenha cultivado tanto o hábito da leitura. Nos livros encontrei moradas temporárias, vozes com as quais pude dialogar, mesmo que separada por séculos. Em Platão, vi nascer a inquietação filosófica. Em Simone de Beauvoir, compreendi o peso de ser mulher. Em Clarice, aprendi a escutar o que não se diz. Os livros não foram fuga. Foram encontro.

Se esta carta é um presente, como afirmei antes, então é também uma tentativa de partilhar esses encontros. Não para que vocês conheçam os mesmos autores, mas

Re(senhas)

para que reconheçam a potência de escutar vozes que vêm de longe – não importa se de milênios ou de metros. Talvez vocês, leitores futuros, também sejam atravessados por vozes que agora estão apenas germinando. Talvez leiam pensamentos que ainda não foram escritos. Talvez escutem silêncios que eu nem saberia nomear.

Escrevo com um coração velho e atento. Velho porque já viu muita coisa. Atento porque ainda se espanta. E é esse espanto que quero cultivar até o fim. Porque a filosofia não é só razão, é também assombro. É olhar o mundo e dizer: “como pode ser assim?” É não se conformar com as explicações fáceis. É seguir perguntando, mesmo quando tudo parece ter resposta.

Vocês herdarão um mundo em crise – disso eu não duvido. Mas talvez também herdem a capacidade de recomeçar. De olhar com olhos novos. De fazer escolhas que nós não fizemos. Não por incapacidade, mas porque estávamos limitados por nossos contextos, nossos medos, nossos condicionamentos. Vocês terão outros limites, outros desafios, outras dores. Mas talvez também tenham mais coragem.

Não tenho filhos, como já disse. Mas tenho sobrinhos-netos que amo com ternura. Neles reconheço o que há de mais próximo de uma continuidade. É por eles – e por vocês – que escrevo. Porque, mesmo sem saber o que restará da minha língua, da minha cultura, da minha

cidade, quero deixar este rastro: estivemos aqui. Amamos. Sonhamos. Lutamos para compreender.

Quando olho para trás, percebo que muito do que vivi não caberia em currículos nem biografias. Foram sensações, dúvidas, pressentimentos, momentos de silêncio. Vi pessoas irem embora — algumas pela morte, outras pelos caminhos da vida. Vi amizades se transformarem em saudade. Vi ideias morrerem e outras nascerem no lugar. E, apesar de tudo, segui caminhando.

O tempo, em minha experiência, não é linha reta. É espiral, é desvio, é retorno. Há coisas que voltam. Há dores que parecem novas, mas são ecos de dores antigas. Há alegrias inesperadas que rompem com o cansaço. É nesse tempo entrelaçado que me movo. E é dele que lhes escrevo. Porque acredito que o tempo de vocês também terá essas dobras, mesmo que vestidas com outros nomes, outras linguagens.

Hoje vivemos numa sociedade que adora a juventude. Há uma espécie de culto ao novo, ao veloz, ao descartável. Mas quero dizer a vocês que há beleza no envelhecer. A velhice — que começa cedo para as mulheres pobres do sertão — ensina outra percepção do mundo. Aprendemos a ouvir mais do que falar. A medir o valor de um gesto. A respeitar o cansaço. A aceitar que nem tudo se resolve.

Talvez vocês tenham, no tempo de vocês, superado a dor física. Talvez tenham curas para doenças que hoje

matam sem piedade. Talvez tenham vidas mais longas, mais confortáveis. Mas isso, por si só, não garante sabedoria. A sabedoria, penso eu, vem do vínculo com o outro. Com o tempo do outro. Com o sofrimento do outro. E isso, creio, continuará sendo o desafio mais profundo de toda existência.

Se cheguei à Filosofia, foi porque senti que havia algo que escapava às respostas prontas. Algo que insistia em me perguntar, mesmo quando eu não sabia o que responder. A Filosofia não foi uma escolha de carreira, foi uma forma de estar no mundo. De olhar. De escutar. De duvidar.

Escrevo agora como quem sussurra algo precioso a um ouvido distante. Como quem enterra uma semente na esperança de que alguém, um dia, encontrará seus frutos. Que tipo de mundo vocês terão, não sei. Mas desejo, com sinceridade, que saibam cultivar vínculos. Que saibam escutar o que não se diz. Que saibam reconhecer o valor de uma carta escrita com o coração.

A cada palavra que escrevo, sinto que esta carta deixa de ser apenas minha. Ela se transforma num entrelaçamento de vozes: das mulheres que me antecederam, das amigas com quem compartilhei silêncios, dos autores e autoras que li e que agora me habitam. Escrever, para mim, é um gesto coletivo. Ainda que solitário, nunca é feito sem companhia.

Tenho pensado muito sobre a ideia de legado. O que deixamos quando partimos? O que permanece de nós quando nossos nomes se apagam? Não tenho posses nem bens que passem de geração em geração. Mas acredito que o maior legado é a forma como olhamos o outro. Como tocamos o mundo com as nossas palavras e ações. Esse toque, mesmo que leve, pode durar mais do que imaginamos.

Se estas linhas sobreviverem ao tempo, talvez vocês encontrem nelas algo que não é apenas lembrança, mas presença. Uma mulher que viveu com dúvidas, com alegrias, com perdas. Uma mulher que pensou, sentiu e escreveu. Uma mulher que não foi heroína, nem mártir, nem santa. Apenas alguém que quis testemunhar sua passagem pela vida.

Tenho me perguntado se, no tempo de vocês, ainda haverá espaço para as cartas. Para esse tipo de escrita que não é instantânea, que exige demora, que pede entrega. Talvez tudo seja falado por impulsos, por imagens, por códigos. Talvez nem a escrita sobreviva como a conhecemos. Mas ainda assim, quero acreditar que a necessidade de comunicar-se com o outro continuará existindo.

Talvez vocês tenham superado a linguagem como a entendemos. Talvez falem por meio de imagens mentais, de vibrações, de frequências. E talvez, ainda assim, guardem a memória das palavras. Porque palavras são

mais do que instrumentos — são mundos. São modos de tocar o outro. São maneiras de dizer “eu estive aqui” quando já não estamos.

Neste instante, enquanto escrevo, há um céu quente sobre minha cidade, mas as nuvens das manhãs frias hão de dissipar esse calor, logo mais, à noitinha. As cigarras cantam. Os pardais se agrupam no final da tarde. Há algo de eterno nesses ciclos. A natureza me lembra que não somos centro de nada. Somos apenas uma expressão efêmera da vida. Mas mesmo o efêmero pode deixar rastro. Como esta carta. Como este gesto.

Sempre me comovi com histórias que não entraram nos livros. As vozes abafadas, os corpos esquecidos, os gestos de bondade que ninguém narrou. Na minha cidade, conheci mulheres que nunca estudaram Filosofia, mas que sabiam da vida mais do que muitos doutores. Gente que não sabia escrever cartas, mas que escrevia o mundo com suas ações.

Essa carta também é por elas. Pelas vidas que não viraram notícia, que não foram celebradas em praças ou avenidas, mas que sustentaram o mundo com silêncio, trabalho e coragem. Talvez um dia vocês também se perguntarem quem cuidou do mundo antes de vocês. E talvez encontrem vestígios dessas mãos anônimas em histórias como a minha.

Hoje se fala muito em "legado da humanidade", em "memória da civilização". Mas pouco se fala das conversas

ao pé do fogão, dos conselhos sussurrados no terreiro, das mãos que rezaram por filhos alheios, das que bordaram roupas para enterros que não puderam ser adiados. Essa humanidade silenciosa é que me comove. E é ela que lhes escrevo.

Pode ser que, no tempo de vocês, esses rituais estejam perdidos. Pode ser que não se enterrem mais corpos, nem se celebrem aniversários com bolo e fotografia. Pode ser que o toque já não seja necessário. Mas, se puder lhes dizer algo que me parece verdadeiro: o humano resiste nessas pequenas práticas. Ele não mora apenas no progresso, mas na delicadeza.

Vocês que me leem – sejam humanos ou não – carregam, de algum modo, uma herança de afetos. E essa herança não tem DNA, nem sobrenome, nem estatuto. É um sopro. Um gesto. Um modo de estar com o outro. Um modo de perguntar, como eu pergunto agora: “Você está aí? Você me escuta?”

Se escutam, não respondam com pressa. Leiam com vagar. Talvez essa carta tenha chegado muito depois do seu tempo, mas, ainda assim, se ela tocou em algo de vivo em vocês, então valeu cada palavra. Porque escrever, no fundo, é isso: ofertar sem garantias. Amar sem garantias. Lançar a garrafa ao mar.

Neste momento, enquanto finalizo estas palavras, percebo que não escrevi apenas para o futuro. Escrevi também para mim. Para me lembrar de quem fui, de quem



sou, de quem ainda tento ser. A escrita tem esse poder: ela nos devolve àquilo que nos escapa todos os dias — o sentido. Ou, ao menos, a busca por ele.

Não tenho filhos, como já disse, mas isso nunca me impedi de gestar sentidos, de parir perguntas, de amamentar esperanças. Meus sobrinhos-netos talvez um dia encontrem essa carta e descubram que a tia que envelheceu entre cadernos e livros também sonhava com o futuro deles. E talvez sintam que foram amados antes mesmo de entenderem o que isso significa.

A Filosofia me ensinou que toda vida é finita, mas que nem tudo morre com a morte. Palavras sobrevivem. Ideias sobrevivem. Certos silêncios também. E é por isso que sigo escrevendo, mesmo sabendo que o tempo engole tudo. Porque acredito, com toda a fragilidade que me compõe, que algumas coisas resistem. E, às vezes, uma carta pode ser uma dessas coisas.

Se no tempo de vocês ainda existirem escolas, professores, bibliotecas, cuidem delas. Se ainda existirem árvores, rios, bichos, respeitem-nos. Se ainda existirem abraços, que não os desprezem. Se ainda existirem perguntas, que não as calem. Mas se tudo isso tiver mudado, e só restarem palavras como esta, que elas vos sirvam como afeto que atravessou o tempo. Como gesto de uma mulher que acreditou no porvir.

O porvir — e não o futuro — é o que me move. O futuro é previsível, calculado, previsto por algoritmos. O

porvir é outra coisa: ele é o que não se pode antecipar. É aquilo que chega sem pedir licença. É o nascimento de algo absolutamente novo. E, para isso, para que algo verdadeiramente novo possa nascer, é preciso abrir espaço. Esta carta é essa abertura.

Escrevo sabendo que talvez nunca saiba se alguém a leu. E, mesmo assim, escrevo. Porque há coisas que precisam ser ditas, mesmo sem audiência. Há palavras que precisam ser lançadas ao tempo, mesmo sem resposta. Há afetos que precisam ser ofertados, mesmo que não retornem. Assim é o amor — e assim é a escrita.

Se chegaste até aqui, leitor ou leitora que ainda vai nascer, receba meu abraço — um abraço que não se dá com os braços, mas com palavras que tocam devagar. Esta carta não é uma cápsula do tempo, não é um testamento, não é um manual. É uma presença. Uma presença feita de ausência. É o rastro de alguém que viveu e quis deixar uma marca suave, como pegadas na areia que o vento logo desfaz, mas que por instantes foram caminho.

Petrolina segue está fria neste julho de 2025. Mas sabe ser bem quente nos demais meses. Da janela vejo o rio, o mesmo que banhava meus avós. Penso no tempo como esse curso d'água: ele passa, mas permanece. Passam os nomes, as modas, os regimes, os dispositivos. Fica, no entanto, essa ânsia de sentido. Fica essa vocação de comunicar. Fica o desejo de tocar e de ser tocada — mesmo que por alguém que ainda nem nasceu.



Talvez esta carta seja lida por uma máquina. Talvez seja decifrada por uma criatura com outro corpo, outra lógica, outro idioma. Ou talvez por uma jovem curiosa, que a encontre por acaso em algum repositório digital, entre tantos bytes esquecidos. Seja quem for, onde for, como for: receba-a como um presente.

Um presente que não exige gratidão. Que não pede nada em troca. Um presente que não ensina nem convence. Apenas compartilha. Compartilha um tempo, uma paisagem, um modo de existir. Compartilha perguntas. Compartilha o gesto de confiar que, mesmo diante da incerteza, ainda vale a pena escrever. Ainda vale a pena dizer: eu estive aqui.

Encerro com a consciência de que não há ponto final em cartas como esta. Há apenas uma pausa. Um silêncio que vos convida a continuar. Que convida vocês a escreverem as próprias cartas, em seus próprios tempos, em suas próprias línguas. Que sigam dizendo, escrevendo, pensando, sonhando — para que a vida, em sua beleza fugidia, continue sendo narrada.

Com ternura,
uma mulher do tempo de antes,
que acreditou na linguagem como abrigo,
e no porvir como milagre.



Referências

SILVA, P. A. D. C. B. A Palavra “Paulo Freire”. **Kalágatos**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. eK23055, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/11446>. Acesso em: 26 jan. 2026.

FEITOSA, Rodolfo Rodrigo Santos. Reflexividades Estruturais: um sociólogo, o imaginário humano e as tramas sociais dinâmicas. **Re(senhas)**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. e25029, 2025. DOI: [10.71263/7gr8w656](https://doi.org/10.71263/7gr8w656). Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/58>. Acesso em: 26 jan. 2026.

ROCHA, Gabriel Kafure da. Entre trilhas e clareiras: Um memorial filosófico de multiversidades poéticas do ensino. **Re(senhas)**, v. 2, n. 2, p. e25022, 2025. DOI: [10.71263/dnfz0048](https://doi.org/10.71263/dnfz0048). Disponível em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/55>. Acesso em: 26 jan. 2026.

SILVA, Ana Patrícia Gadelha da Costa. Proposições de Conteúdos do Imaginário no Ensino de



Filosofia. **Re(senhas)**, v. 1, n. 1, p. e24008, 2024.
DOI: [10.71263/x8kan719](https://doi.org/10.71263/x8kan719). Disponível
em: <https://resenhas.ojsbr.com/resenhas/article/view/9>. Acesso em: 26 jan. 2026.

